

Notícias de Guimarães

ANO 21.º N.º 1073
GUIMARÃES, 10 de Agosto de 1952
Redacção e Imp., R. de Brindes, 56-B Tel., 4111
Comp. e Imp., Tip. Ideal, Tel., 4381
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

AS FESTAS DA CIDADE

—Gualterianas— foram mais uma notável afirmação de brio e de sentimento bairrista

Todos nos podemos dar por satisfeitos depois da realização das Festas Gualterianas que de novo e por maneira brilhantemente impecável se afirmaram como as primeiras de entre as primeiras, demonstrando claramente o brio dos organizadores e os sentimentos de bairrismo dos Vimaraneses.

De ano para ano vai sendo maior o número dos forasteiros e todos ao regressar a suas casas levam das Festas de Guimarães a mais perdurável impressão.

Tudo esteve à altura da justa fama de que as «Gualterianas» gozam. Tudo serviu para dignificar a Terra. Tudo ultrapassou em esplendor a expectativa da Comissão e dos Vimaraneses em geral.

As decorações e iluminações deslumbraram a multidão. Os concertos musicais e os fogos de artifício causaram impressão agradabilíssima. Os efeitos de luz produzidos nas noites de domingo e 2.ª-feira pelos potentes holofotes, que foi possível trazer a Guimarães, foram surpresa que a todos maravilhou.

Importante e muito concorrido esteve o Concurso Pecuario, no decorrer do qual foram conferidos prémios no valor de mais de quinze contos, a concorrentes do nosso concelho, assim como de Fafe, Felgueiras, P. de Lanhoso, Porto, etc. Impoente esteve a festividade religiosa em honra de S. Gualter, na qual pregou, pela segunda vez, o talentoso orador sacro, rev. Frei Diogo Crespo, de Lisboa, que teve a escuta-lu um auditório numeroso e selecto.

A recepção e a sessão de boas-vindas à Banda da Guarda Civil de Madrid, que veio pela segunda vez abrilhantar as nossas festas e de novo colheu fardos e merecidos aplausos, estiveram concorridas e foram mais uma prova de hospitalidade da nossa Terra.

A Corrida de Toiros do dia 4 decorreu com grande animação e satisfação pela sua organização. João Nuncio e Simão da Veiga; Júlio Aparício e Diamantino Vizeu, assim como o Grupo de Forcados Amadores de Lisboa, chefiados por Nuno da Salvação Barreto, foram alvo de grandes ovações da assistência, que quase enchia a praça.

Referimo-nos, agora, à *Batalha de Flores* e à *Marcha Gualteriana*. A Batalha de Flores foi, sem dúvida, o número mais aparatoso e belo de domingo.

Nelle tomaram parte, nada menos de 10 carros, motorizados, que o engenho e a arte transformaram nos mais admiráveis motivos de graça, de elegância, de fantasia. E' difícil, com tanta simplicidade, atingir-se tanto esplendor.

O Cortejo abria com um piquete de cavalaria da Guarda Republicana, seguido da Banda das Oficinas de S. José, cujos executantes vestiam à muruja, fardas brancas, imaculadas.

Depois, uns atrás de outros, em ritmo certo, os carros, maravilhosos de cor e de originalidade. Parece impossível que com papel de seda, apenas com papel, se possa conseguir tantos e tão magníficos efeitos ornamentais.

O primeiro carro — «Artista Plástico» — dedicado à pintura, vinha guarnecido com um pintor vestido à época romântica, com a sua boina boémia, e com um florão de beldades femininas do melhor estilo. O segundo carro, «Canteiro de Flores», figurava um enorme regador, regando a terra com a linha miraculosa.

«O Caracol de Batalha» figurava, de perto, um desses «bichos» cascaíveis, em ponto grande. E seguiam-se a «Joaninha», outra alegoria de efeito admirável, no «Reino de Liliput», uma espécie de Branca de Neve e os Sete Anões, o «Canto Príncipe», jóia de preciosa concepção artística, «Evocação Mexicana», variante da Viola Baiana, «Primavera de outras épocas», ou melhor dito, Primavera Român-

tica, «Fantasia Musical» e finalmente «Batalha de Flores».

Todos os carros levavam formosas raparigas vestidas com elegância e com requintado gosto. E a valorizar essa parada policrômica, de sonho e graça ridente, o sorriso das raparigas, a sua alegria — e as suas serpentinadas. Porque o Cortejo, fazendo várias voltas pela rua do percurso, assinalou-se pelo esplendor da Batalha de Flores — que afinal se confinou à Batalha das Serpentinadas. Mas com que força, com que júbilo, com que «heroicidade» essa batalha se travou. Elas de cima, eles de baixo, e elas e eles das varandas dos prédios, muitos destes ornamentados com fino gosto, não se cansaram de jogar as «cristas» atirando-se fitas coloridas, que levavam muitas delas uma intenção, um pensamento — uma aquiescência ou apenas uma promessa.

A Batalha, número extraordinário e lindo, acabou pelo esgotamento e pelo cansaço. Mas a festa prosseguiu e sempre com o mesmo esplendor e entusiasmo.

Como sempre — nobreza obriga — as «Gualterianas» acabaram com chave de ouro. Grande o dia de segunda-feira!

Esta «Marcha Gualteriana» — é única. Única em Portugal — talvez única em toda a parte.

Não, não pensamos, nem por hipótese, descrever o espectáculo luminoso da Marcha, na sua variedade multicor, na sua graça, no seu espírito, na sua fantasia, no conjunto transfigurador do seu aspecto cenográfico... das Mil e uma Noites. Qualquer descritivo ficaria à quem da realidade. E a realidade — só vista.

As nossas palavras são notas breves, um ou outro apontamento — para marcar o brilho, o sucesso, a apoteose suprema dum cortejo esplendente.

A Marcha, toda ela electricada, abria com um grupo de formosíssimas raparigas, vestidas policrômicamente. As Fanfarras e os tambores davam a sua gestão estridente da alegria e anunciavam a luminosidade do cortejo. Seguiu-se uma figuração animosa e excêntrica dos mais dispersos tipos: sinaleiros, operadores cinematográficos, ardinhas, varredores, cavaleiros afoninos — e crocodilos.

E logo surge, majestático, verdadeiro «ex-libris» do burgo, o Carro da Cidade. Ele evoca e reconstitui o Castelo de Mumadona, assente no promontório mais alto da terra afonina, reliquia sacratíssima da Pátria Portuguesa. Guimarães é representada por uma figura de Mulher, dominando a força. Rodem o carro, que provoca admiração e orgulho, os pendões das Ordens de Cavalaria que ajudaram o fundador à formação da Nacionalidade.

Vem agora o Carro do Comércio e Indústria, em que a figura de Mercúrio, Deus da Eloquência e do Comércio, se ergue, resplandecente, cortjada por gente das lavouras, rusga regional, a que se juntam garotos do bacalhau, artifices e borboletas.

No Reino da Beleza, consagrado às damas da terra, tão gentis e hospitaleiras, conjuga numa simbiose apropinquada, as belezas humanas e as belezas da Natureza. Lado a lado, num salão maravilhoso, as beldades rebrilham no seu esplendor, sobressaindo em contraste de emulação a Mulher e a Rosa. Há figuras de vária espécie e de vários estilos, que completam a composição do carro.

E ergue-se outra revelação. Chama-se ela a Caravana Mourisca (em homenagem à capital do Império). Os serracenos, batidos no assalto ao Castelo de S. Jorge, marcham para as suas terras de

Conclui na 4.ª página.

O X Congresso Nacional dos Bombeiros

realiza-se em Guimarães em Setembro

Como temos noticiado, realiza-se nesta cidade, em Setembro próximo, de 3 a 7, o X Congresso Nacional dos Bombeiros, estando elaborado o seguinte programa de trabalhos:

Dia 3, Quarta-feira: A's 21 horas, sessão preparatória do Congresso. Apresentação de congressistas e registo de credenciais. Leitura da acta, nomeação de comissões, registo de teses, discussão e aprovação do regulamento do Congresso, na sede dos Bombeiros Voluntários de Guimarães.

Dia 4, Quinta-feira: A's 10 horas, sessão de trabalhos na sede dos B. V. de Guimarães; às 15, recepção na Câmara Municipal; às 16, inauguração do Congresso no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento, com a presença das entidades oficiais. A's 21 horas, continuação dos trabalhos na sede dos Bombeiros Voluntários.

Dia 5, Sexta-feira: A's 10

horas, continuação dos trabalhos na sede dos B. Voluntários de Guimarães; às 12, passeio à Penha e almoço com inscrição; às 17, continuação dos trabalhos na sede dos B. V. de Guimarães; às 21, idem.

Dia 6, Sábado: A's 10 horas, continuação dos trabalhos na sede dos B. V. de Guimarães; às 18, encerramento dos trabalhos do Congresso no Teatro Jordão; às 22, Arraial Minhoto no Parque das Caldas das Taipas, organizado pelos B. V. das Taipas.

Dia 7, Domingo: A's 10 horas, Missa Solene na igreja de S. Francisco ou Campal junto ao Castelo de Guimarães; às 15, concentração dos congressistas na Praça da República do Brasil, Parada e desfile; às 17, passeio a Vizela com possível inauguração do Quartel dos B. V. de Vizela; às 20, Banquete Oficial de encerramento no Restaurante Jordão, seguido de Arraial Minhoto na Parada dos B. Voluntários de Guimarães.

CARTA A UMA SENHORA

Minha Senhora

Por motivos que me abstenho de citar, não me encontrava com disposição para lhe escrever, o que, com certeza, não estranhará, por quanto nem sempre poderemos contar com a desejada colaboração do nosso espírito para a satisfação dos nossos anseios. Se há factos que o dispõem bem, há outros que, como dizia um conhecido poeta, o deixam «*absorto em mil visões, triste, a sonhar...*».

No entanto, o assunto para hoje apareceu quando li o jornal «*República*» e onde vinha publicado o seguinte:

«*Tiro aos pombos, na Guarda, a favor da infância desvalida...*»

Continua a matação, e, ao que parece, num ritmo crescente. Há dias foi em Murça, depois em Castelo Branco. Agora é na Guarda. A cidade da neve elaborou o programa das suas festas com muitos números de atracção e, entre eles, um torneio de tiro aos pombos, por iniciativa do respectivo governador civil.

A «*matação*» está marcada para o dia 9, às 15 horas, no Estádio Municipal. E reverterá em benefício... do Asilo da Infância Desvalida!

Os livros da instrução primária ensinam as crianças a amar os passarinhos e a respeitar o instinto maternal das avezitas.

Embora mantendo-nos à margem de todas as religiões, recordamos no entanto, que o pobre Nazareno, segundo diz a Bíblia, modelava pombos em barro. E diz ainda a Bíblia que quando os apóstolos aguardavam a mensagem de Cristo foi um lindo pombo branco que lhes surgiu a simbolizar o que os católicos chamam o espírito santo.

Os homens escolheram a pomba símbolo da Paz e da Humanidade. (Os homens de há quantos séculos?) Afinal, os adeptos do tiro aos pombos, que talvez se digam bons católicos, desprezam a lição de Cristo e a lição da própria humanidade cristã. Mas para que não possamos descer dos seus dotes de bondade, deram em organizar torneios de tiro aos pombos para beneficência...

E agora, para maior incongruência, anunciam-nos um torneio em benefício de crianças desvalidas! Os adeptos do tiro aos pombos, talvez católicos, capricham, assim, em adoptar novos métodos pedagógicos e em destruir a própria doutrina cristã. E vão, agora, oferecer às crianças desvalidas de um asilo da Guarda, a maior lição de barbarismo e desumanidade.

Temos a certeza, no entanto, de

que as crianças não foram consultadas, com o que discordamos.

A receita entra, as crianças podem beneficiar dela, mas não sabem, possivelmente, que esse benefício vem manchado de sangue — do sangue de muitos pombos mortos, que fariam as crianças chorar de pena, se os pudessem ver, no próprio campo do bárbaro morticínio.

Não, as crianças, tão inocentes como as próprias aves que vão ser assassinadas, não têm culpa, porque não sabem.

E é pena que não saibam. Porque as crianças talvez se apresentassem diante do governador civil e lhe dissessem:

— Nós não queremos! Não, não aceitamos!

E sua ex.ª, ainda tinha tempo de meditar noutra iniciativa mais humana...
Rosália Braancamp.

Como V. Ex.ª vê, trata-se de mais uma série de interessantes considerações sobre a infeliz exibição do «*Tiro aos pombos*», fruto de uma tolerância que deveria ser radicalmente proibida em nome dos bons sentimentos humanitários e da boa educação, baluarte poderoso da própria civilização. Porém, minha Senhora, é o que vê, no presente, faltando ainda o que mais se poderá ver no futuro. Enfim, é o agitado redemoinho das muitas ilusões que surgem pela vida fora. De resto, se as pombinhas se pudessem queixar, elas seriam as primeiras a dizer:

Somos o símbolo da paz e da mansidão, mas, apesar disso, temos contra nós os maus instintos de seres humanos. E' assim, minha Senhora, e todos estamos sujeitos às voltas e às reviravoltas deste mundo!

De V. Ex.ª
Cd.º Ven.º e Obg.º
Agosto de 1952.

BENEFICÊNCIA DO «NOTÍCIAS»

Transporte...	2.234\$50
Recebemos mais do nosso bom amigo sr. Luís Alijó de Lima, do Rio de Janeiro...	100\$00
Edmundo Hermes Ribeiro, por alma de sua mãe...	50\$00
A Transportar...	2.584\$50
Contemplamos famílias muito necessitadas.	

Anúncio no NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

Morreu a JOANINHA

Há criaturas humilimas que passam sobre a Terra ignoradas.

Não deixam de si vestígio ou sinal. Passam, como a sombra na parede.

Aos olhos do mundo, conturbado e distraído, certas criaturas perdem-se, anonimamente, no turbilhão.

A Joaninha foi uma dessas. Contudo, a Joaninha era uma figura quase de agiologista.

Entrou e saiu da vida atravessando os umbrais da Bondade.

Na senda de criada de servir, só conheceu uma casa, uma família. A' maneira antiga, serviu. Fidelidade, abnegação, amor de sacrifício, renúncia, tudo isto depôs ao serviço dos seus amos.

Como quem se dá, de alma e coração, também a Joaninha, por um longo rosário de anos, se entregou aos pais, aos filhos, aos netos da família estranha ao serviço de quem esteve.

Servindo, com amor, jamais se desprende da cadeia dos mortos e dos vivos — a família do mercador Serafim dos Anjos.

Eis que um dia, casou. Na rua onde decorreu a sua mocidade, um viúvo pediu-lhe a candura do seu afecto. E a Joaninha matrimoniou-se com o Henrique lateiroiro. Ambos de boa índole, esta aliança decorreu em paz.

Té que a morte ceifou o lateiroiro Henrique. Amortalhado no balandrau da Misericórdia, lá foi a enterrar no cemitério de Atouguia.

Agora, à Joaninha viúva, só lhe restava acabar seus dias em saudade.

A CAPELA

Românica

de S. João de Calvos

A propósito do que se disse nas colunas deste jornal e no último número, recebemos do nosso prezado amigo sr. Alcindo Dias Pereira, de Moreira de Cónegos, a carta que aqui vamos arquivar, com os nossos agradecimentos:

Meu caro Antonino:

Consinta que eu venha juntar ao seu o meu brado de «socorro» para a Capelinha de S. João de Calvos, na freguesia de Lordelo. Aquele pequenino monumento, puro românico, tantas vezes secular, encontra-se num tal estado de ruína que me entristece sempre por ele passo. Não cuido saber das dissidências que sobre essa Capelinha tem havido por parte de entidades oficiais e particulares. Lordelo, digo-o sem espírito de lisonja, que nunca esteve no meu feitio, está muito bem representada, quer oficial, quer eclesiásticamente. A essas entidades cabe a responsabilidade do total desmoronamento da Capelinha de S. João que se está a verificar. Urge que não se consinta o desmoronamento das suas paredes uma vez que a cobertura já desapareceu, assim como parte das suas alfaias, criminosamente de lá desviadas, segundo me afirmam.

Estou consigo, pois, meu caro Antonino, a pedir «socorro» para a Capelinha de S. João e oxalá o nosso brado possa acordar as entidades que tem absoluta obrigação de rapidamente actuar.

Acerte um abraço do seu confrade e amigo
Alcindo Dias Pereira.

Quando o sol despertava, ela ia ao Campo Santo depor flores na campa do seu Henrique. Nesta piedosa jornada se demorava o tempo necessário para resar, depor flores — e falar com o seu morto querido.

Então, num diálogo singular entre si e a espiritualidade do seu morto, a Joaninha contava-lhe murmuradamente, tudo quanto entre si se passava. Ocorrências, precisões instantes do pão nosso de cada dia, tudo a Joaninha segredava ao seu Henrique. Ele era para si, mais que um confidente. Fizera dele seu intercessor junto do Céu. O benefício de

Visitantes ilustres

Na segunda-feira à noite chegou a esta cidade, acompanhado pelo sr. Gastão de Betencourt, do S. N. I., o ilustre Ministro do Brasil, sr. dr. Renato de Almeida, que foi cumprimentado por diversas individualidades, entre as quais pelos srs. Presidente da Câmara Municipal, Presidente da Comissão das Festas da Cidade e pelo nosso director que apresentou a S. Ex.ª os cumprimentos do sr. dr. Nuno Simões; dr. António Maria Pinheiro Torres, Comandante da 1.ª Região Militar, Consul Geral do Brasil, etc.

O sr. dr. Renato de Almeida assistiu naquela noite e em tribuna especial à passagem da Marcha Gualteriana, que admirou imenso, muito elogiando esse número das Festas que lhe foi dado apreciar.

Nos dias das Festas estiveram também nesta cidade os srs. Consules e Consulezas de Espanha e Brasil, Governadores Civis de Braga e Viana do Castelo; General Comandante da 1.ª Região Militar; jornalistas Brasileiros e outras individualidades.

Escola I. e Comercial

O corpo docente deste importante estabelecimento de ensino promoveu um almoço de confraternização, que teve lugar no Hotel da Penha e durante o qual falaram vários professores, depois de ter usado da palavra, em primeiro lugar, o respectivo Director, Escultor sr. António de Azevedo. Todos se referiram ao significado daquele acto, como revelação de leal e sincera camaradagem, enquanto por outro lado foram feitos os mais ardentes votos pelas prosperidades da Escola, cuja finalidade ainda tem manifestas deficiências, atendendo à natureza do meio em que se encontra.

Foram ainda focados outros assuntos de carácter pedagógico e educativo e foi posta em relevo a indiscutível importância do Ensino Técnico como agente criador de novos horizontes para a valorização profissional e também como factor indispensável à própria economia do país, quando devidamente adoptado às necessidades e actividades regionais.

Por cima dos sapatos alheios

Por Aurora Jardim.

Quando pequeno, empurrava os irmãos mais novos para que o regaço da ama lhe ficasse reservado; no colégio, mal sabia a lição logo levantava o dedo, para fazer figura.

Acerca de namoros era garbada, conseguindo, assim, ganhar em certa parte, importância de conquistador experimentado.

Um amigo recebeu do estrangeiro uns sapatos enviados pelo seu padrinho. E como ele ia estudar lá a casa, mostrou-lhos.

— O pá, são famosos. Nunca vi nenhuns assim!

Passaram-se dias. Os sapatos do Chico faziam realmente sucesso, não só porque eram cómodos e bonitos, mas porque se via logo que tinham certo corte e o inédito do estrangeiro inabitual aqui.

E o Procópio não resistiu: pediu-lhos emprestados.

— Homem... eu... — estranhou o Chico, pois não hesitava em emprestar umas notas ou um cachecol. Agora uns sapatos... achava que era destas coisas que se não pedem, realmente.

Mas o outro insistiu. Tinha um Concurso e precisava de se apresentar bem.

— E' só por uns dias, pá. Parecendo que não, os tipos olham para a maneira como a gente se apresenta e faz muita despesa com os livros para me preparar. Preciso imenso de uns sapatos e estou sem lecas para os comprar, nem a prestações que seja.

entrar no seu lar desfeito a esmola da caridade, era à alma renascida do seu marido que a Joaninha pedia.

E esta aura de bem fazer nunca deixou de entrar a sua porta.

Recolhida, mais tarde, a uma cela das Trinas, ali ia dar essa caridade. Gente discreta, piedosa, tocada pela graça interior desta santa criatura, ali mandava, diariamente, sem olvido nem tardança, as sopas do seu alimento.

E' que, na Joaninha, a sua conduta, o seu semblante, as suas expressões, tudo nela transparecia simpatia. Era uma figura moral, atractiva.

Jamais a sua boca se abriu para dizer mal. Jamais!

Todas as fraquezas, todas as fragilidades dos seus semelhantes, tinham em seu coração magnânimo o bálsamo do perdão. Julgava os outros por si.

Chegada às alturas da velhice, era no refúgio da oração que a Joaninha encontrava consolações e temperanças de ânimo. Devotada e confiante, resava pelos pecadores.

Amando as flores — que considerava feitas à imagem de Deus —, corria os jardins a rogar a esmola de flores para o altar da capelinha do recolhimento.

Era nestas ocasiões que eu lhe ouvia falar do céu. Uma visão mística, dava ao seu olhar e às suas palavras um encanto celeste. Nem Chateaubriand, nem Santa Teresa de Jesus deram mais poesia ao descritivo do céu.

E eu, céptico, impressionava-me ao ouvi-la.

E' de crer que a Joaninha não tivesse pessoa piedosa que acompanhasse o seu cadáver ao cemitério. A carreta mortuária da Santa Casa conduzida pelos «côcos», levando um sacerdote à sua dianteira, lá carreou à cova quem tão bem soube viver e morrer.

Ai de mim, que já não tenho neste mundo quem reze pelo resgate das minhas culpas e pecados!

A. L. DE CARVALHO.

Chico não hesitou mais e o Procópio lá calçou os famosos sapatos, que lhe assentavam perfeitamente.

Durante o Concurso arranhou maneira de se pôr ao lado de um «sabão» de quem aspirou toda a ciência. Importunava-o com tanta pergunta que o outro fez uma prova inferior ao que se esperava, só para o atender.

E o Procópio foi nomeado. Era dos últimos o lugar que ocupava na repartição mas, por meio de salamaleques e adulações, logo tratou de se tornar agradável aos chefes.

Certo dia, um colega perguntou-lhe:

— O' Procópio, onde é que você comprou esses estupendos sapatos? Nunca vi nenhuns iguais.

— Nem admira. Se você nunca saiu daqui...

— Ah, logo vi que são estrangeiros.

— Comprei-os da última vez que estive lá fora. São diferentes de tudo.

Ora o Chico, o proprietário, também era da mesma opinião, de modo que uma noite procurou o Procópio no café onde ele costumava ir e disse-lhe:

— Afinal disseste-me que era só por uns dias e vê há quanto tempo tens os meus sapatos. Vê lá se mos mandas, hem?

— Desculpa, tenho-me esquecido. Mas estão guardados. Como vês, estes são outros.

— Bem. Então não te esqueças mais. E aparece quando quiseres.

Passaram-se mais algumas semanas e, por fim, os sapatos lá apareceram em casa do seu possuidor.

Mas vinham cambados, de tacões, com um buraco na sola, a ponteira a despegar-se e a gáspea quase a romper. Uma lástima!

Nada do que haviam sido e nada que se pudesse remediar. O Chico olhou-os, com pena e atirou-os, para um canto, com raiva.

Uma vez, estava num grupo de amigos que falavam de factos sucedidos e de gente conhecida.

E alguém disse: — Aquele demónio do Procópio é que está chegando para nós todos.

— Sim? Porquê?

— Imaginem que entrou há pouquíssimo tempo para a repartição onde está e, se ainda não foi nomeado subchefe, pouco deve faltar para o ser.

— E' um tipo que há-de ir longe.

Então o Chico disse o que pensava: — Há-de ir longe, sim, não tenho a menor dúvida. O próximo é, para ele, como que bolacha quebrada... Há-de trepar continuamente — mas sempre por cima dos sapatos dos outros.

Jornal «República»

Este importante diário da tarde, de Lisboa, nomeou seu representante no concelho de Guimarães, o ilustre advogado e nosso amigo e apreciado colaborador sr. dr. Mariano Felgueiras.

Felicitemos aquele nosso prezado colega da Capital, pela acertada escolha para seu Redactor-Regionalista e apresentamos ao novo e distinto camarada as melhores felicitações.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia do «Laboratório Hórus», ao L. do Toural, Telef. 4329.

Do que leio e do que penso

Sexta-feira, dia 1. E' vergonha, mas confesso-o. Em 48 e 52, foram, as Gualterianas, nos mesmíssimos dias.

Pois, em 47, retirei eu, de Guimarães, no dia de hoje. Havia lá estado 12 dias.

* * *

Chegou-me, hoje, a *Gil Vicente*.

Que carapuça pra mim! Luís d'Almeida Braga homenageia e interpreta Alberto de Monsaraz.

Já eu muito admirava Almeida Braga.

Fiquei a admirá-lo muito mais.

Os Poemas *Céus* deram nove altíssimas páginas a honrar o Autor do Livro e o Saber do Intérprete.

Volto ao Caso de há dez meses: não sei Qual admire mais, o Poeta ou o Crítico.

* * *

Chegará a Mirandela a *Gil Vicente*?

Ramiro d'Aguiar verá as Nove Páginas?

Que juízo fará do Sr. Conde? E como verá ele Almeida Braga?

* * *

Três vezes ruminei Almeida Braga.

Não consegui digeri-lo. Nem com os comprimidos do meu Dória.

* * *

Na segunda, dia 4. São muito discutíveis os benefícios da Revolução de 1789.

E' muito discutível o benefício do número 89, do Pronunciamento Ortográfico de 1911.

Oendiado *porque* não deverá figurar entre os *dis-silabos* átonos.

O triste *porque* tem aspecto de *grave* e *leitura de agudo*. Gonçalves Viana foi homem: errou.

Vasco B. de Amaral é homem: erra como o Mestre dos Mestres.

Miguel A. d'Oliveira, da Amadora, é que é Homem.

Vai com as formas *por que* e *por quê*.

Ainda há juízes em Berlim. Nesta questão em que os gramáticos não se entendem, quem vê com olhos de ver é o Homem da Amadora.

Quem pensar a bem pensar, irá com ele.

GERESINO.

Interessantes exposições

Por ocasião das Festas Gualterianas alguns estabelecimentos desta cidade levaram a efeito, como é já seu hábito nesta altura, exposições dos seus artigos, tendo alguns merecido especial interesse do público que estacionou junto às montras a apreciar a arte das decorações e o valor dos objectos expostos.

Os estabelecimentos da firma Alberto Pimenta Machado & Filhos despertaram, pelo seu tamanho e pela variedade e boa disposição dos artigos expostos, o mais justificado interesse e foram motivo de justo e unânime louvor.

Muito apreciada foi, igualmente e entre todas as demais, a exposição Philco, no estabelecimento de João Carlos Abreu (V.).

Tipografia IDEAL

Rua da Rainha, 56

TELEFONE 4881 GUIMARÃES

Execução perfeita de todos os trabalhos

Preços honestos

Um Apóstolo

Numa época como a nossa, em que o Mundo parece debater-se em convulsões de ódio e de furor, aquece a alma o desviar o pensamento para os raros Apóstolos do Bem que, como que procurando esquecer as dificuldades que os cercam, seguem avante fazendo suas as palavras de Pio XII: «São maus os tempos porque os homens são maus. E' preciso que os homens se façam bons para que os tempos sejam bons».

O século XX dilacerado pelas guerras, traições e duplicidades, em que o homem parece ser o lobo do próprio homem, tem também, embora isso pareça inacreditável, autênticos apóstolos.

Em Portugal, depois da grande figura de reformador que foi o eminente Padre António de Oliveira e do Santo Padre Cruz, surge-nos o Padre Américo, abnegado, enérgico e empreendedor, cuja obra espatosa logrou, principiando pelo próprio Estado, vencer Portugal de aquém e além fronteiras. Hoje ajudado pelos seus «Padres da Rua», como se denominam a eles próprios, singram por vários pontos do país espalhando o bem, tirando ao vício e ao crime as suas presas de amanhã.

De vadios, de ladrões, de futuros assassinos fazem homens prestáveis, ordeiros e trabalhadores e até — quem sabe? — futuros valores do nosso país amado.

Felizmente para Portugal existem ainda nele mais apóstolos, mais desses homens raros que, se abundassem, fariam «os tempos bons» como nos profetiza Pio XII.

Quereis conhecer mais um desses pioneiros do bem, heróico, abnegado e desconhecido, a quem nem dificuldades nem canseiras desanimam?

Escutai pois: Em Matosinhos vive um sacerdote modesto, apesar da sua vasta cultura, que alberga no coração, há muitos anos, a chama poderosa de uma caridade excepcional.

Consagrou já a essa terra, de onde não é natural, trinta e tantos anos da sua vida, em que pedindo e rogando, hora a hora e dia a dia, vai conseguindo as esmolas que leva a casa dos pobres envergonhados e aos tugúrios miseráveis. Dessa larga assistência nasceu-lhe no coração o desejo de salvar a criança — tal como o Padre Américo — de um futuro tenebroso. Principiou por receber rapazinhos na sua própria casa da Rua Alvaro de Castelões, mais tarde alugou uma, pequena como as suas posses, na Rua Roberto Ivens, e lá abriga como pode setenta e tal meninos!

Não é o Estado, que ignora a formosíssima Obra, não é o Município de Matosinhos que até agora a tem querido ignorar, que o auxilia, são os particulares cuja caridade desperta ao ver a verdade e a necessidade do angustioso apelo lançado pelo incansável sacerdote.

Os trabalhos, as canseiras, as incertezas de ter sempre o suficiente para o sustento e mais necessidades dos seus meninos são para ele, porém os benefícios que anda a semente serão todos para essa terra que o parece esquecer. Se o ajudarem acabarão quase os criminosos, vadios e ladrões nessa grande e populosa vila, onde, lenta mas seguramente, se prepara o saneamento moral dos que vivem na miséria, uma das mais certas escolas do vício.

São imensas as dificuldades em que se debate perante a esmola incerta e no entanto quantas terras, com suas com-

petentes autoridades, desejariam possuir um Homem assim, que não lhe faltariam com casa, auxílio e facilidades!

Quando o dinheiro lhe não chega, heil-o que de saca na mão, percorre os mercados e as ruas. Não pede, mas já se sabendo a sua comovente necessidade são muitos os que se apressam a lá deitar o seu óbulo, que ele repartirá por aqueles a quem chama «seus filhos» e pelos seus pobres.

Já ouviste falar deste homem excepcional? Talvez não. Poucos conhecem a sua Obra formidável e anónima. Pois bem, é preciso que todos a conheçam para que o ajudem a levar a pesada cruz que tomou.

Sabeis quem é? Como se chama?

Eu vo-lo denuncio: E' o Padre Grilo.

E' preciso que todos os portugueses, cá residentes ou não, e todos os corações de boa vontade conheçam este empreendimento extraordinário, que marcha na sombra, porque o seu criador, humildemente, não busca o reclamo que necessita.

Conheço-o apenas de vista, nunca lhe falei, portanto as minhas palavras são espontâneas, brotam somente impulsionadas pelo meu coração compadecido que vibrou de enternecimento e compreensão ante a grandiosidade da Obra que modela ao ouvir, algumas vezes, o seu verbo inflamado na Capela de Santo Amaro, na missa das dez e meia.

Apesar de estranha à terra, tão extraordinária é a acção, certa e amorável, deste refúgio para crianças sem pão, que me comovi; por isso vo-lo venho contar para que, por vossa vez, o conteis também. E' preciso ajudar a Caridade sincera, é preciso que todos saibam que se quiserem auxiliar o Padre Manuel Grilo a desenvolver a sua Obra, nem só essa Vila e seu concelho lucrarão, também Portugal terá menos algumas centenas de delinquentes e, servindo a Caridade, serviremos ainda a nossa Pátria.

Se por acaso fordes algum dia a Matosinhos e virdes passar um sacerdote alto, levemente curvado, sempre de hábitos talares, a quem todas as crianças correm a beijar a mão, escusais de perguntar quem é essa figura veneranda, já sabeis que é o Padre Grilo, o pioneiro do Bem de quem vos falo. Chegai junto dele e na medida das vossas posses, ajudai-o.

Nada há mais exacto que a afirmação da grande Elisabeth Leseur: «Nós não sabemos todo o bem que praticamos, quando praticamos o bem».

ZITA DE PORTUGAL.

Atropelamento mortal

No lugar do Canto, desta cidade, a camioneta de carga AL-12-45, conduzida pelo motorista Manuel Rodrigues Monteiro, natural de Vinhais, Bragança, atropelou Belém de Castro, de 39 anos, operária fabril, natural de Santa Cristina de Arões, Fafe, casada com António de Castro, também operário fabril, residente na freguesia de S. Romão de Mesão Frio, deste concelho, a qual foi conduzida ao Hospital da Misericórdia de Guimarães, tendo falecido poucas horas após a sua entrada ali. A P. S. P. tomou conta da ocorrência.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 11, as sr.^{as} D. Albina Tracema de Quadros Flores, D. Maria Irene Ferreira Cabral Ferra e D. Irene Gabriela de Sousa Guerra, esposa do sr. Capitão Sousa Guerra, e o nosso amigo sr. Mário Monteiro Dias de Castro; no dia 12, o nosso bom amigo sr. Amadeu C. Penafort; no dia 14, o nosso bom amigo sr. José Manuel Montez Lima; no dia 15, a sr.^a D. Maria Angelina de Araújo Abreu Brandão e os nossos bons amigos srs. Carlos Teixeira Pinto e Fernando Figueiredo; no dia 16, a sr.^a D. Nélia de Castro Guise, filha do nosso bom amigo sr. Manuel de Sousa Guise, e o nosso prezado amigo sr. Armando da Cunha Nogueira Mendes.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

De Coimbra partiu para Vinhais, o nosso querido amigo e ilustre professor Liceal, sr. dr. Manuel Ferreira da Costa.

— Com sua família encontra-se na sua casa de Carvalho d'Arca, em Guimarães, o nosso querido amigo sr. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão.

— De Lisboa veio no dia 5, com sua família, para a sua Casa de S. Caetano, em Campelos, o nosso prezado amigo sr. dr. Fernando de Matos Chaves.

— Estiveram nesta cidade por ocasião das Festas da Cidade os nossos queridos amigos srs. Rev. dr. Francisco de Melo, de S. Pedro da Raimonda; dr. António Paul e família, do Porto; Coronel Henrique Alberto de Sousa Guerra e esposa, de Lisboa; Coronel António de Quadros Flores e esposa, de Felgueiras; A. L. de Carvalho, nosso distinto colaborador e sua esposa; Prof.^o José de Figueiredo Vasconcelos, de Vila Real; Eng.^o Adelino Soares Leite, de S. Nicolau; P.^o António Alexandre Ferreira de Melo, de Viana do Castelo; dr. Gabriel Faria e Manuel J. da Costa Guimarães, de Aveiro; dr. Serafim Ferreira d'Oliveira, Tenente Carlos Coelho, António Ferreira Júnior, Pedro Pereira de Freitas e Alfredo Faria Martins, residentes em Lisboa; Tenente Bernardo de Castro, de Cabeceiras de Basto; António Luís Teixeira, de Beja; Octávio Machado, de Amares; Joaquim A. Pinto Ribeiro, de Avanca; Alvaro da Silva Penafort, de Celorico de Basto; André Martins dos Santos, Joaquim Lopes Martins e António Ferreira Guimarães, do Porto; António de Freitas Almeida, da Maia; Francisco de Salles Leite da Silva, de Valpaços; Domingos Martins Guimarães, de Espinho; João de Passos Ferraz, da Póvoa de Varzim; Eng.^o José de Matos Cardoso, de Coimbra; José Fernandes Guimarães, da Senhora da Hora; Constantino Lira, de Felgueiras; dr. João Afonso Carneiro, da Póvoa de Lanhoso; Alfredo Carvalho Teixeira Barbosa, de Amarante; Armando Peixoto, Francisco Alberto Costa e Professor José Neves, do Porto; Abílio Ferreira d'Oliveira, de S. Martinho do Campo; Custódio Vila Nova e Albino Pereira Fernandes, de Fafe; José António Afonso Barbosa, de Matosinhos; Eduardo Pizarro d'Almeida, de Tondela; Ismael P. de Matos e António Gomes Soares de Oliveira, da Póvoa de Lanhoso; António Augusto Alves Monteiro, de Vila-real; e Camilo Silva, de S. Nicolau.

— Com suas famílias partiram desta cidade: para Fão, os nossos bons amigos srs. Domingos Mendes Fernandes e José Maria Pacheco Rodrigues; para a Póvoa de Varzim, os nossos bons amigos srs. Manuel Joaquim Pereira de Carvalho, Joaquim da Silva Xavier e António Ribeiro da Silva Xavier.

— Regressaram com suas esposas: do Geréz, o nosso bom amigo sr. Francisco Machado; de S. Vicente (Douro), o nosso bom amigo sr. Francisco Alves da Silva Lobo.

— Deu-nos o prazer da sua visita a sr.^a D. Maria José Pacheco Lopes, do Caramulo.

— Com sua família esteve a vossar na Póvoa de Varzim, o nosso prezado amigo sr. João M. Rodrigues Martins da Costa (Aldão).

— Com suas famílias partiram para a Póvoa de Varzim os nossos prezados amigos srs. dr. Manuel Jesus de Sousa, dr. João Alberto Mota Prego de Faria e dr. Sebastião Lobo Cardoso de Meneses.

— Acompanhado de sua esposa parte hoje para as terras de Mondariz (Espanha), o nosso prezado amigo sr. Leandro Martins Ribeiro.

— Com sua família partiu para a

Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. Paulino de Magalhães.

— Esteve entre nós o nosso prezado amigo sr. Avelino Gomes da Costa, de Lisboa.

— Partiu para os Açores, onde vai de visita a seu tio, rev. P.º Francisco Fernandes da Silva, o nosso prezado amigo sr. P.º António Alexandre Ferreira de Melo.

— Esteve entre nós, regressando hoje a Vila Nova de Gaia, o nosso bom amigo sr. António Martins Júnior.

— Partiu ontem para Carvalhos (Boticas), o nosso prezado amigo sr. Artur Fernandes de Freitas.

— Com sua esposa encontra-se a viajar nas suas propriedades de Polvoreira, o nosso prezado amigo sr. Dr. João Rocha dos Santos.

— Com sua mãe e irmãos partiu para a Quinta do Telhado, em Taboado, o nosso bom amigo sr. Fernando Lobo Neves Pereira.

— Com sua família partiu para as suas propriedades das Taipas o nosso prezado amigo sr. Manuel Oliveira Cosme.

— Com suas esposa e mãe regressou da Suíça o nosso prezado amigo sr. Eng.º José Manuel da Silva Carvalho.

— Com sua família regressou de Miramas a esta cidade o nosso bom amigo sr. José Laranjeiro dos Reis.

— Com suas esposa e irmãos partiu para o Gerez o nosso prezado amigo sr. Pedro de Sousa Guise.

— Com sua esposa partiu para Lisboa o nosso bom amigo sr. Francisco Machado.

— Com sua família partiu para a Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. José Machado Teixeira.

João Paulo Freire

Depois de um interregno de alguns meses, motivado por melancólica doença, retomou a sua actividade, o grande jornalista sr. João Paulo Freire, autor das «Várias Notas» do «Jornal de Notícias», do Porto.

Folgamos imenso com as suas melhoras e reaparição, abraçando o querido amigo e ilustre camarada.

Engenheiro

Acaba de concluir o seu curso, com alta classificação, de Engenheiro Electrotécnico, o sr. João Francisco Mendes Martins Fernandes, filho do nosso prezado amigo sr. Capitão Francisco Martins Fernandes Júnior e da sr.ª dr.ª D. Albertina Pereira Mendes Fernandes, a quem são enviados cumprimentos de parabéns, como filho desta Terra.

Jornalista Magalhães Monteiro — Por ocasião das Festas da Cidade recebemos a amável visita do ilustre jornalista Magalhães Monteiro, enviado especial do nosso colega «O Intransigente» de

Benfuela (Angola), que veio em missão de reportagem a Guimarães, cidade que lhe «proporcionou o espectáculo único na sua célebre Marcha Luminosa» — como nos afirmou. Muito lhe agradecemos a visita e os cumprimentos.

Pedido de casamento

Pelo nosso bom amigo sr. P.º José Fernandes Ribeiro e para seu sobrinho, o também nosso bom amigo sr. Júlio Fernandes Martins, foi pedida em casamento a gentil menina Maria Helena Marques Martins, filha do saudoso comerciante sr. José Fernandes Martins e da sr.ª D. Maria Ermelinda Marques Guimarães Fernandes Martins, devendo realizar-se em breve o auspicioso enlace.

Aos noivos desejamos desde já as maiores venturas.

Casamento

No Santuário de Nossa Senhora do Sameiro, em Braga, consorciaram-se ontem a gentil menina Isabel Fernanda de Lima Moura e Sá, filha do sr. José de Moura e Sá, industrial em Crestuma, Gaia, e de sua falecida esposa sr.ª D. Plautilla Amélia Lima de Moura e Sá, e o sr. Fernando Cintra Penafort, filho do sr. Amadeu C. Penafort e de sua esposa a sr.ª D. Maria da Conceição de Cintra Penafort.

Paraninfaram o acto por parte da noiva seu pai e sua tia e madrinha a sr.ª D. Laura Amélia de Lima Dias de Castro, e por parte do noivo sua mãe e seu primo o sr. Alvaro da Silva Penafort, distinto escrivão de direito aposentado.

Após o acto religioso, a que assistiram várias pessoas de família dos nubentes, teve lugar no Casino do Bom-Jesus do Monte um copo d'água que deu ensejo a que fossem feitos muitos brindes pela felicidade dos noivos.

A estes desejamos as maiores venturas.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso dando à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª D. Miquelina Novais Fernandes, esposa do nosso bom amigo sr. António de Freitas Carvalho.

Parabéns.

Doentes

Tem estado internada no Hospital de S. Francisco, no Porto, a fim de ser ali submetida a melancólica operação, a sr.ª D. Maria José Ferreira da Costa.

— Foi operada recentemente no Hospital do Carmo, no Porto, a sr.ª D. Amélia Moniz.

— Encontra-se internada no Hospital da Misericórdia, onde foi operada pelo sr. Dr. Manuel Gomes de Almeida, que tinha como assistentes os srs. Dr. João António de Almeida e Dr. João Afonso de Al-

meida, a sr.ª D. Maria Augusta Simões de Sousa Meneses Barbosa, esposa do nosso amigo sr. Alfredo Teixeira Barbosa, de Amarante e filha do nosso querido amigo sr. Mário de Sousa Meneses.

— No mesmo estabelecimento hospitalar foi operado, estando internado, o nosso bom amigo sr. Sebastião Teixeira de Aguiar.

— Já se encontra restabelecida a nossa ilustre colega de «O Comércio de Guimarães» sr.ª D. M. Matilde F. Machado.

Desejamos as melhoras dos doentes.

Falec. e Sufrágios

João Afonso da Costa Guimarães

Faleceu, na 5.ª-feira, em Boston (América do Norte), para onde havia seguido no domingo, afim de submeter-se a uma melancólica intervenção cirúrgica, que foi feita na 3.ª-feira e que se supunha ter



João Afonso da Costa Guimarães

decorrido por forma a assegurar o restabelecimento do estimado e querido enfermo, o nosso conterrâneo e amigo, sr. João Afonso da Costa Guimarães, industrial, de 35 anos, sócio da importante Fábrica de F. e T. do Castanheiro, da firma António da Costa Guimarães, F.ºs & C.ª, L.d.ª.

O extinto era casado com a sr.ª D. Maria Manuela Folhadela de Melo Guimarães, pai dos meninos Manuel João e José António, filho da sr.ª D. Maria Mendes Ribeiro da Costa e do saudoso vimezanense sr. Afonso Costa Guimarães, irmão do nosso prezado amigo sr. Eng.º Alberto Costa, vice-Presidente da Câmara Municipal; genro do importante industrial de Ronfe e também nosso querido amigo sr. António Teixeira de Melo e da sr.ª D.

Maria Emília Folhadela de Melo, cunhada da sr.ª D. Brunilde Rosa Costa Guimarães e sobrinho dos nossos amigos srs. Alberto Costa, Porfírio Mendes Ribeiro e José Mendes Ribeiro Guimarães e da sr.ª D. Maria Amélia Costa Ferreira, casada com o industrial de Riba d'Ave, sr. Alfredo Ferreira.

O inesperado e triste acontecimento, que logo que foi conhecido espalhou-se por toda a cidade, na manhã de anteontem, causou a maior consternação.

João Afonso da Costa Guimarães, de trato afável, despido de vaidades, exemplar chefe de família e possuidor de excelentes dotes morais, contava no meio vimezanense as maiores simpatias.

O seu funeral deve realizar-se nesta cidade em data ainda não designada.

A toda a família dorida apresenta o «Notícias de Guimarães» a expressão do seu muito pesar.

Algumas fábricas desta cidade e dos arredores cessaram a sua laboração, anteontem, logo que a triste ocorrência aqui foi conhecida.

Engenheiro Cílio Rosa

Em Lisboa, onde residia, finou-se o sr. Eng.º Cílio Rosa, casado com a sr.ª D. Trude Drete Rosa, e pai da sr.ª D. Brunilde Drete Rosa da Costa Guimarães, esposa do nosso prezado amigo sr. Eng.º Alberto Ribeiro da Costa Guimarães, a quem apresentamos, assim como a sua esposa, sentidas condolências.

Monsenhor João António Ribeiro

A direcção da Pia Associação dos Amigos da S. C. de Jesus, na passagem de mais um aniversário do falecimento do seu querido e saudoso presidente fundador, manda celebrar no próximo dia 13, pelas 8 horas, na Igreja de N. S. da Oliveira a Santa Missa, pelo seu eterno descanso.

D. Maria Helena Guimarães Folhadela Marques

Após cruciantes sofrimentos e confortada com todos os sacramentos da Santa Madre Igreja, finou-se ontem na Quinta de Tarrío em Sande (Taipas) a menina Maria Helena Guimarães Folhadela Marques, que contava apenas 19 anos.

A extinta era filha estremecida do sr. Guilherme Folhadela Marques e de sua esposa a sr.ª D. Carmen Guimarães Folhadela Marques, irmã das sr.ªs D. Elisa Emília, D. Ana Maria e D. Maria Emília e dos srs. Jorge, Mário, Eurico e José Guilherme Guimarães Folhadela Marques, e sobrinha dos srs. Alfredo, Jaime, Apriño, Altino e Armindo da Cunha

Guimarães, industriais no Pevidém, e das sr.ªs D. Maria de Jesus da Cunha Guimarães, D. Maria Aida da Cunha Guimarães Melo, casada com o sr. dr. Manuel de Melo, D. Maria Eduarda Guimarães Costa, casada com o sr. António Gomes da Costa, D. Maria Emília Melo, casada com o sr. António Teixeira de Melo, de Ronfe; D. Corina Folhadela Barbosa, casada com o sr. Manuel Ferreira Barbosa, de Joane, e D. Marília Folhadela Marques e do sr. Alvaro Folhadela Marques, Presidente da Câmara Municipal de Famalicão.

O funeral da bondosa menina, cuja morte foi motivo de muita consternação, realiza-se hoje às 10,30, saindo o préstito de Sande para a igreja de S. Jorge de Se lho, Pevidém, onde serão rezados responsos às 11 horas.

A toda a família dorida apresentamos sentidas condolências.

D. Maria Rosa Ribeiro (Viúva Requieta)

Faleceu confortada com todos os sacramentos da S. M. Igreja, a sr.ª D. Maria Rosa Ribeiro (Requieta) de 86 anos, viúva do sr. Manuel Bento Ribeiro; mãe das sr.ªs D. Maria da Glória Ribeiro Basto, D. Aurora Bento Ribeiro e D. António Bento Ribeiro Pereira e dos srs. Edmundo Hermes Ribeiro, Ernesto Bento Ribeiro, José Marques Ribeiro e António Bento Ribeiro e sogra das sr.ªs D. Maria da Glória Macedo de Carvalho e D. Maria José Ribeiro e dos srs. António Pereira Basto e Herculano Pereira.

A extinta deixa os seguintes descendentes vivos: 7 filhos, 39 netos, 35 bisnetos e 1 trineto.

O seu funeral, que esteve muito concorrido, realizou-se na 4.ª-feira, às 11 horas, na Igreja de S. Francisco, tendo sido rezada missa do corpo presente e cantado, pelas internadas do Asilo de Santa Estefânia, o Liberdade.

A chave do caixão foi entregue ao sr. José António Afonso Barbosa, de Matosinhos, sobrinho da extinta.

Aos responsos fúnebres assistiram também as Casas de Caridade.

No préstito fúnebre para o Cemitério de Atougua tomaram parte bastantes automóveis.

A toda a família dorida apresentamos as nossas condolências. (Ver Secção «Beneficência»).

Avelino de Oliveira (Landreiro)

Finou-se ontem com 77 anos na sua residência à rua de Francisco Agra o sr. Avelino de Oliveira, pai dos srs. Jerónimo, José, Francisco, Manuel e Joa-

quim de Oliveira, realteando-se o funeral hoje, às 10 horas, para o cemitério de Atougua.

Pézames à família dorida.

Vida Católica

Pia Associação dos Amigos do Sagrado Coração de Jesus

Realiza-se no próximo domingo, dia 17, pelas 7 horas, na Igreja de N. S.ª da Oliveira, a renhio mensal desta Pia Associação, constando de missa rezada e comunhão geral. E' celebrante o rev. P.º António Pereira, um dos fundadores desta obra benemérita do ensino da catequese às criancinhas da cidade.

BATALHA DE ALJUBARROTA

Como já noticiámos, a expensas da Câmara Municipal, realiza-se no dia 14 do corrente a solene comemoração da Batalha de Aljubarrota.

Haverá missa cantada junto ao Padrão de Nossa Senhora das Vitórias e alocução patriótica proferida pelo Rev. Manuel Dias da Costa, dig.º Abade da Foz.

Ao solene acto devem assistir a Câmara Municipal, respectivas autoridades e pessoas de representação.

FERIADO

O dia 15 do corrente é feriado, pelo que nesse dia se encontrarão encerrados todos os estabelecimentos comerciais e industriais.

Rotary no Brasil

Numa das suas últimas reuniões, o Rotary Clube de Manaus recebeu o sacerdote católico sr. dr. D. Francisco de Lupino, que ali usou da palavra para exaltar a cooperação que os rotários daquela cidade brasileira têm vindo a prestar às diversas obras de assistência social da paróquia de Nossa S.ª do Nazareno.

No final, o tesoureiro do Clube fez-lhe entrega de um cheque, destinado à compra de agasalhos para crianças pobres da mesma paróquia.

Peregrinação pelo Termo de Guimarães

«A história do povo é a história das instituições municipais»
Gama Barros.

A' Ex.ª Câmara Municipal

1) Of. EDUARDO DE ALMEIDA.

Ora, dele se vê que *ipse Rex* (Ranimiro) *ad misericordiam motus concessit ad ipso monasterio* (de Vimaranes), levado pela misericórdia concedeu ao Mosteiro Vimezanense, os seguintes mandamentos, isto é terras sujeitas a certa jurisdição ou senhorio — «Aue in autzella» —, como no testamento se denominam, ou seja:

— o mandamento do Avizela (o rio Vizela) no termino de caldas, no termo das Caldas de Vizela, com a villa Ollarios (a quinta de Oleiros, em Cerzedo, segundo a leitura do Abade de Tagilde), e se estende até o rio Mau (que nasce no Monte de Santo Antonino, atravessa as freguesias de Infantas, Cerzedo e Fareja e entra no Vizela, cerca da ponte de Navainhos) cum *Cersito*, ou seja com Cerzedo;

— o mandamento de Arões, com Varzenella (Varziela, em Golães) Golães e Quintã (em Golães);

— o mandamento de Travassós, Vila Cova, Freitas, Agrela e Vilarelho, em Serafão, além de Pretoselo;

— o mandamento de Sobradelo, tal como se levanta junto à água do Torio (que, nascendo nesta freguesia e vindo por Agrela, Castelões, onde se lhe junta o regato de Serafão, se une ao Ave, em Arosa), com Castelões até ao termo de Rossas (no concelho actual de Vieira);

— o mandamento de Abação e Urgeztes, com o rio de Moinhos (que nasce em Abação, atravessa as freguesias de Pinheiro, Polvoreira, Nespereira, Conde e Moreira, onde se une ao Vizela, convido notar a denominação: de moinhos), até às Caldas (de Vizela);

— o mandamento de Candoso (S. Tiago) que se estende de Condomias até ao termo de Creixomil;

— a villa *nesperaria* — *Nespereira* —, S. Martinho (do Conde) e Vilar (em S. Tiago de Candoso);

— a villa de sauto — *Santa Maria do Souto* —, com seu mandamento e Elanzi e *Santo Tirso de Prazins* («homines in Placidi») e *Gominhães* («cum incommunicationes et homines»);

— *Fermentões*, *Pencelo*, Fontelos (em Silvares) e *Negrelas* (a freguesia de S. Miguel do Paraíso).

Esta concessão abrangia por forma expressa, com todas as suas herdades, os homens, servos, ingénuos, libertos, incluindo os tecelões (*lenzarios*) e cultivadores das vinhas (*uiniatarios*) et alio tributo reddentes.

Na íntegra e com todas as pertenças.

Acresce àquela a doação de Dona Flamula a sua tia Dona Mumadona — Lalin e Soutelo —, e *Gandalari, Karusanes, Gustelos e Varzenela*, também com seus habitantes.

Para bem se compreender o mais exarado em tal documento com interesse ao nosso fito, convém ter presente a sucessão das personagens neste período, denominado pelos historiadores da nova monarquia gótica. Ramiro II (aquele Ranimiro que dera a Mumadona a vila de crexemir e ajudara a sua devoção a edificar o mosteiro vimezanense), «oprimito de grave doença, falecia no ano de 950, havendo abdicado a coroa em seu filho mais velho Ordonho III».

Contra Ordonho levanta-se seu irmão Sancho, cujo partido toma o Conde de Castela Fernando Gonçalves, e é Sancho quem, terminado o curto reinado de cinco anos daquele, assume o poder. Mas contra Sancho I — o Gordo — revoltat-se, e também acompanhado por Fernando Gonçalves, Ordonho IV — o Mau —, filho de Afonso IV, e expulsa-o do trono, onde, porém, Sancho consegue voltar. Morre envenenado nos fins de 967. Sucede-lhe, com cinco anos de idade, Ramiro III, ficando regente sua tia Elvira. O ano de 968 assinala-se por um ataque violento dos Normandos à Galiza; e é precisamente deste ano de 968 o doc. (o XIV do *Vimaranis*) que se refere à construção do Castelo que chamam de S. Mamede, no lugar desse nome, no monte Latito, ordenada por Mumadona, sobranceiro ao mosteiro e para sua defesa e do santo cenóbio, com seus frades e freiras, por causa da irrupção dos gentios, proesa esta, aliás, já por outras vezes cometida. Depois de 975, Ramiro assume, em pessoa, o governo, mas seu temperamento concita a geral animadversão, favorecendo ensino a que Vermudo ou Bermudo (neto de Fruela II, que sucedera a Ordonho II) fosse aclamado em S. Tiago de Compostela.

Assim à guerra com o muçulmano, afoito em novas investidas na ansia de recuperar o perdido e ardente na revindicta, enrodilham-se as dissensões civis e a luta acesa entre Leão e Castela, entre cujas decore o governo de Vermudo II — o Goto —, contra quem mais se subleva, na Galiza, Gonsalo Menendes. Morre ao terminar o século (999) e temos outro rei-menino, Afonso V, filho de Vermudo, constituindo-se a regência com aquele Gonsalo Menendes, o Conde de Castela — Sancho Garcez e a Viúva de Vermudo — Geloira ou Elvira «mulher de altos espiritos». Entre 1012 e 1016 animam-se as discórdias entre Afonso II, então pelos vinte anos, e o Conde de Castela, até que este faleceu em 1021. E, com pouco mais de trinta, quando, em tónica de linho, visitava as muralhas de Viseu, a que pusera cerco, Afonso V, é ferido mortalmente. E' a vez de seu filho, Vermudo III, que teve de enfrentar-se com Sancho de Navarra, e, após agitados provações, vem a morrer em afamado combate com seu cunhado Fernando. Fernando — o Magno — é aclamado rei de Leão e de Castela, em 1038. Na divisão de Fernando, que veio a falecer em 1065, feita aos seus filhos, e de sua mulher Sancha, dos estados que dominava,

cabe a Afonso VI os de Leão e Astúrias e a Garcia, o da Galiza. Afonso VI luta com seu irmão Garcia e é vencido (1068); os notáveis de entre Douro e Minho, com o Conde Nuno Mendes (que morre em combate) sublevam-se contra Garcia; Afonso é ainda vencido e encarcerado por outro seu irmão Sancho, que fica rei de Leão e Castela, mas Sancho é morto no cerco de Zamora (1072) e Afonso VI, então rei de Leão e Castela, prende seu irmão Garcia, rei da Galiza. (Alexandre Herculano — *História de Portugal*, volume I).

Facilitada com a recordação destes episódios, cujas passagens revivem dramaticamente o ódio bíblico entre Abel e Caim (e a influência que certas grandes mulheres, de ânimo varonil e inteligência esperta, como Elvira, Urraca, Sancha, tinham na governação política nos ajuda a compreender a nossa Dona Teresa), conclua-se a leitura interrompida. E mais se diz que, pela morte de Ranimiro, foi erecto rei seu filho, o Príncipe Ordonio (Ordonho) que confirmou aquele testamento e lhe acrescentou, pela alma dos seus genitores, a dádiva da villa *moraria*, por seus termos e lugares antigos, com quantos homens nela habitavam.

Por seu óbito, entrou na posse do reino e das herdades o Príncipe Veremudo, a quem chegou a calúnia da forma indevida como o Mosteiro possuía os citados mandamentos, pelo que fez ver e analisar os testamentos e as escrituras, assegurando e chancelando, após esse exame, sua validade. E por sua morte, coube a herança do poder a Adefonso (Afonso) rei, Príncipe Magno, quando outra vez se levantaram *in oculis calidarum* (Caldas de Vizela) protestos iníquos e maliciantes, alegando não serem verídicos os documentos de posse do Mosteiro. (A repetição do facto, que é testemunhada em outras iguais pretensões, relativas ao domínio legal de certos bens, induz-nos a crer ser o «pretexto à moda», de que lançavam mão os ambiciosos de se apossarem deles). O rei ordenou em concílio se tomasse de presúria a villa de *moraria de monte longo*, como se fez, e mandou examinar esses documentos que lhe foram presentes e a sua Mãe Gelvira (Elvira) e ouvir os protestantes, a quem também foram patentes, na igreja de S. Miguel Arcanjo nas Caldas de Vizela. E de novo confirmou os testamentos de Ranimiro e de Ordonho, como fizera Veremudo. Tais confirmações revestem-se, em nosso entender, de importante significado histórico: elas «confirmam», por um lado, a consistência como nuclear do agregado territorial e espiritual, à volta e sobdomínio do Mosteiro ou Casa de Vimaranes, e, de maneira concreta e positiva, o respeito, a expressa aceitação, como facto consumado, o seu reconhecimento jurídico e político. A história de Guimarães, com o seu Termo, começara já a objectivar-se.

Continua.

Errata — Onde, nas últimas linhas do n.º anterior, se lê Afonso IV deve ler-se Afonso VI: foi, naturalmente, ao colocar-se a composição para ser impressa que se deu, por terem caído ou deslocado, a troca dos algarismos.

VAMOS MATUTARI...

NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

N.º 8

Direcção de: Jaime dos Santos Ribeiro Dias (JARIDI) — Caldas das Taipas

CHARADISMO — RECREIO — PALAVRAS CRUZADAS

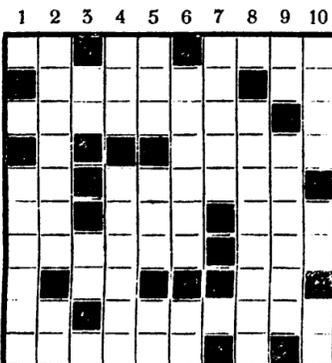
O nosso alvitre...

Parece ter despertado certo entusiasmo, entre os interessados por esta secção e pelo seu brilho, o alvitre proposto no número anterior para apresentação de projectos para um cabeçalho que continha as letras da frase-título: «VAMOS MATUTARI!...» Esperamos esses projectos.

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: 1) Antes de Cristo; batráquio; deus do vinho. 2) Escarnecer; ditongo oral. 3) Anormalidade. 4) Faixa de terra que faz a ligação duma península a um continente. 5) Basta; socorra. 6) Caminhar; campeão. 7) Escrito em latim; pronome relativo. 8) Habitas; cidade da Caldeia, onde partiu Habráo com os caldeus. 9) Viração; branquear. 10) Bateis.

Verticais: 1) Plantas ornamentais, de folhas e flores com aplicação em medicina. 2) Cântaro pequeno; letra grega. 3) Poeira; pronome pessoal complemento. 4) Alcool obtido pela destilação do melão; áspera. 5) Passatempo emitido pelo Rádio Clube Português; também não (Inv.); compreendi. 6) Nome de homem; campeão. 7) Aragem. 8) Açambarquei. 9) Nome de letra; cortesia. 10) Percebo; duas primeiras vogais; condenada.



Charada protética

Tens um «fo» para prenderes essa «ave»? 2-3

Pira de palavras

Substituir os traços por letras, de forma a formar o nome de freguesias do nosso concelho.

G
 U
 I
 M
 A
 R
 A
 E
 S

Soluções do n.º 6 — Palavras Cruzadas — Horizontais: 1) Dias; amar. 2) Oan; imo. 3) Isso; eram. 4) A; a; ra; a; a. 5) Rufo. 6) Raio. 7) Om. 8) Onde; pena. 9) Dão; nem. 10) Osso; nomo.

Provérbio: «Quem comeu a carne que roa o osso».

Charada epentética: fera → fêvera.

Charada sincopada: minoras → miras.

As Festas da Cidade

(Continuação da 1.ª página)

origem. Atrás do carro toca uma banda de música e pulam, aos saltinhos, os pavões e os pernaltes, os perus e os galos, os fazendeiros e as fazendas...

E o cortejo não pára nem acaba. Venus é representada em carro próprio, dedicado aos namorados, aos devotos do Amor.

A Deusa perturbante emerge da espuma do mar, com uma corte de periquitos, araras, faisões, cegonhas, mochos, pelicanos, dica-paus e cardeais. «Oh, como é diferente o amor em Portugal!»

Sonho do Pescador, dedicado aos operários do mar, sugere a tentação das estradas líquidas, inquietas e infinitas, em que a nossa vocação se precisou, à conquista e descoberta dos mundos. O pescador, neste carro simbólico, vai no seu pequeno bote à faina das pescarias — que é o seu pão e a sua vida. A noite desce, súbita, e o homem cede ao sono — sonhando miríficas fantasias. O acompanhamento deste carro tem carácter e pitoresco.

Fontes de Poeta é o carro que se refere à Poesia e à Imprensa. Toca-nos pela porta. A sua concepção obedece ao simbolismo mitológico. Pégaso, subindo ao Helicon, fez brotar água da rocha com uma das suas patadas. Esta água era a linha da inspiração. O Cisne banna-se nela, para que a Sabedoria o bafeje e transfigure. E lá o vemos, no cenário apropriado, cortejado, o maroto, por Adelaide, Papos Secos, e uma infinidade de sujeitos caricaturais.

Agora surge uma fantasia oriental — Buda, símbolo duma religião com milhões de crentes, ladeado por personagens do Oriente, com bailadeiras, músicos excêntricos, gente de cor, elefantes e macacos — e a Branca de Neve e os Anões, numa dança ou batuque de expressiva melodia tropical.

O Hóquei em Patins aparece triunfante, dedicado aos campeões, numa simbologia flagrante de graciosidade. O Mundo rola mas o Continente Europeu é batido pela constelação solar, em relevo proeminente.

E no extremo da faixa continental, onde a terra acaba e o mar começa — Portugal fulgura, dando lições no hóquismo. A figuração desse carro completa a ideia da sua concepção.

E, finalmente, temos o último carro — Vedeta Torpedeira, em homenagem à Marinha de Guerra, à

nossa vocação de argonautas e de navegadores, que percorreram todos os Mares, honrando a Pátria, dilatando o Império, propagando a Fé.

Marcha gloriosa, de infinita expressão e de luzida beleza. O cortejo luminoso provocou ovações calorosas. Com o fogo de artifício que se queimou de madrugada, e com o rutilo espectáculo da Marcha Gualteriana, as Festas de Guimarães findaram em apoteose. E' difícil fazer tanto. E' impossível fazer melhor.

Ficam aí, em fugidias notas, algumas, breves, singelas, impressões do que foram as nossas festas — festas sem dúvida esplendorosas que os forasteiros — milhares de pessoas — apreciaram, aplaudiram, louvaram.

Na segunda-feira, logo de manhã, antes da solenidade religiosa em que se prestou culto a S. Gualter, duas notas simpáticas: a romagem à Campa do Padre Gaspar Roriz, sacerdote que também foi Artista, um nome que Guimarães guarda nas páginas dos seus cidadãos egregios e na saudade dos que o conheceram e lhe admiraram a bondade e o espírito bairstista. Desse modo se evocara a memória do inspirador da Marcha Gualteriana.

A outra nota traduziu-se na distribuição de um Bodo aos Pobres — os humildes e necessitados não foram esquecidos numa hora de alegria. Procurou-se proporcionar a muitos deles alguns momentos de menor sofrimento.

NOTAS

A Banda da Guarda Civil de Madrid, na sua chegada a Guimarães e quando se despedia do seu público acolhedor na manhã de 3.ª-feira, executou *Brizus do Minho* (Marcha), que o seu distinto Maestro Capitán Gerardo Jimenez Vaquero consagrou ao sr. Albano M. Coelho de Lima, seu amigo e componente da Comissão das Festas.

Aquela excelente Banda, que tanto sucesso obteve, mais uma vez, nos seus concertos magistras, executou, no de 2.ª-feira à noite, o *Hino de S. Gualter*, da autoria do Prof. José Neves, do Conservatório de Música do Porto.

A Fonte Decorativa que a Comissão das Festas fez levantar no Largo do Toural, no sitio onde esteve o Monumento a D. Afonso Henriques e onde se pensa, há mui-

CURIOSIDADES

A humanidade tem vivido e continuará a viver horas de verdadeira angústia, sobretudo pelo que diz respeito ao desentendimento entre os povos, cada um dos quais procura inventar os mais destruidores engenhos de guerra, embora de demorada construção, como, por exemplo, aquele a que se refere a seguinte notícia:

«Serão precisos cerca de 15 anos para se construir um avião atómico

LONDRES. — «Sir» Harry Gerner, coordenador-chefe dos desenhadores de aviões da Grã-Bretanha, afirmou crer que serão precisos pelo menos 15 anos antes dos Estados Unidos ou qualquer outro país poder construir, com êxito, um avião atómico. «Sir» Harry, que é o cientista-chefe do Ministério dos Abastecimentos, diz que a dificuldade está no peso dos motores atómicos do género do que, segundo se diz, está em construção nos Estados Unidos. — R.»

Não nos referimos a esta notícia para alarmar os que se encontram em idade de depararem com um futuro em que o avião atómico represente a ciência do cérebro humano ao serviço da carnificina, mas somente queremos acentuar que em vez de aviões desse género se deveria pensar em paz e conforto para toda a humanidade, sem necessidade dos pequenos serem escravos dos grandes e sem a preocupação da miséria atingir assustadoras proporções atómicas. Assim, sim!

CARACOL.

Grémio da Lavoura

Por alvará de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social, datado de 19 de Julho último, publicado no Boletim do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, número 14, ano XIX, de 31 de Julho findo, foi aprovada a alteração dos Estatutos do Grémio da Lavoura de Guimarães que resulta da substituição da tabela de cotização aprovada pelo Conselho Geral do referido Grémio na sessão ordinária de 31 de Março de 1951.

Câmara Municipal

Por concurso foi colocada na Câmara Municipal de Braga a sr.ª D. Lídia da Conceição Alves Coelho, que há tempos e também mediante provas de concurso, havia sido colocada na Câmara Municipal de Guimarães.

Teatro Jordão

NOVA, N.º 15 E 21,30 HORAS

APRESENTA

O mais engraçado dos filmes portugueses

SONHAR É FÁCIL

(Em reposição)

com Laura Alves, António Silva, Eugénio Salvador, Santos Carvalho e outros.

Um conjunto de artistas de 1.º plano. Uma coisa nova no cinema nacional.

to, colocar outro monumento ou qualquer motivo ornamental, mereceu de toda a gente justos aplausos. Realmente estava — e ainda a podemos admirar — artística.

A Comissão das Festas recebeu muitas felicitações de Vimaraneses e de pessoas estranhas à Terra. Conterráneos nossos, ausentes nos Açores, nas Colónias e no Brasil, fizeram chegar até si as suas saudações e aplausos, por cartas e por telegramas até, nas horas altas da realização das Festas.

Todos, pois, a louvar e a bendizer!

— Os combóios, já para não falar nas camionetas já centenas — muitas! — e nos automóveis, aos milhares, sem conta, transportaram a Guimarães uma grande avalanche de gente de todas as províncias, de Portugal inteiro.

E o Brasil e a Espanha, aqui estiveram representados na presença às Festas, por inúmeras pessoas das duas Nações Amigas.

Ofertas e Procuraas

No Pevidém — Guimarães

Casa, vende-se, recentemente construída, com 8 divisões no 1.º andar e grandes lojas, bom quintal, tanque e abundância de água, — quarto de banho e telefone.

Para rendimento, grande estabelecimento, pensão ou habitação.

Pode interessando facilitar-se parte do seu custo (Cooperativa).

Para ver, no lugar do Crasto, Pevidém. Tratar largo da Oliveira, 33 — Guimarães. Telef. 40319.

Vende-se

Uma casa de 3 andares com água e luz

n.º 20 e na Rua Egas Moniz.

Falar na Redacção. 292

HOTEL DAS TERMAS CALDAS DAS TAIPAS

Aberto todo o ano, desde 29 de Junho, com gerência a cargo de Paulino Ferreira Leite, ex-gerente de vários Hotéis e Restaurantes do Norte.

Óptimas instalações. Tratamento modelar. Modicidade em preços.

COSTUREIRAS

de roupa de homem, precisa ARMAZENS CARMELO.

No Toural

Na Casa Jaime encontra V. Ex.º um grande sortido de óculos para sol e ótica médica das melhores marcas estrangeiras. Execução de receituários médicos. Consertam-se óculos. Na Casa Jaime ao Toural.

EMPREGADO

Muito competente, apto para qualquer serviço de contabilidade. Colocado numa grande empresa, a 15 quilómetros desta cidade. Deseja transferir-se para Guimarães, por motivos que explicará.

Só aceita emprego em firma de grande movimento e reconhecida importância.

Resposta a este jornal às iniciais A. A. 323

Quartos

Alugam-se 2 quartos mobilados no centro da cidade.

Nesta Redacção informa. 321

Calzeiro-Viajante

Para calçado e cutelarias, com longa prática e numerosa clientela com ordenado fixo ou em regime de comissão, encontra-se disponível.

Dirigir carta à Redacção. 324

Casa Santo António

Av. da República, esquina da Rua Reitor Antunes Machado — nas TAIPAS (em frente ao coreto do Jardim Público)

Por motivo de retirada vende-se este moderno e confortável prédio, com r/c onde tem 3 espaçosas lojas para comércio e competentes armazéns e grande montra de esquina e 1.º andar com 16 divisões, entre as quais, duas cozinhas, «marquise» envidraçada e duas casas de banho com instalações de chuveiro, Banheira, Bidet e Bacia com autoclismo. Quintal com ramadas, 2 tanques com água corrente e lavadouros, coradouro e secadouro para roupas, cozinha exterior com forno para cozer pão coberta com terraço de cimento, instalações sanitárias com casa de banho para serviços, Garagem e grande átrio de entrada cimentado. Este prédio tem instalações modernas de água e luz, pois que foi construído há 16 anos.

Também se vende uma quinta no lugar da Torre, da freguesia de S. Cláudio do Barco.

Tratar com o próprio na Av. da República — Caldas das Taipas. 320

TELEFUNKEN

O melhor Aparelho de Rádio

Agência em Guimarães:

CASA DAS NOVIDADES

Telefone, 4350

Rua da Rainha

ÓPTICA

Encontra-se variado sortido deste artigo e os menores preços, na Secção de Óptica da **Ourivesaria José Fernandes**, à Rua Paio Galvão, nesta cidade.

Consertam-se todos os objectos deste artigo e aviam-se receituários médicos.



O CALÇADO IDEAL PARA CRIANÇAS

ANDA MUITO BRINCA MUITO DURA MUITO...

UM EXCLUSIVO DA "SABOTARIA LUSO"



Rádio-Receptores ingleses

de suprema qualidade

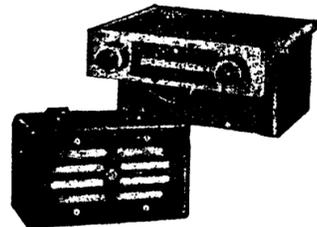
Modelos de Mesa

Radiogramofones

Portáteis de Mala

Modelos para bateria

e para Automóvel



DISTRIBUIDORES GERAIS NO NORTE:



ELECTRÓRIA Lda

R. de Santo António, 71 — Porto — Tel. 25800

A GENTE EM GUIMARAES:

JOÃO DA COSTA

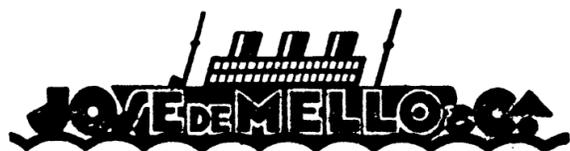
Técnico de Rádio graduando pela NATIONAL SCHOOLS

CONCEIÇÃO

TELEFONE, 40322

Agentes Transitarios e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Retolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO

com Armazém de Retem e Depósitos

(Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS:

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21075 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

Assina o NOTÍCIAS DE GUIMARÃES